

A Mediação Educomunicativa na Redução da Assimetria Epistemológica entre Ensino- Pesquisa- Extensão¹

Rosane Rosa²

Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

Objetivamos problematizar o princípio da indissociabilidade entre ensino-pesquisa e extensão mediado pelo paradigma da educomunicação. Para tanto, optamos pela pesquisa bibliográfica e documental e pelo estudo de caso. Concluímos que dar conta do desafio da indissociabilidade, sem ignorar a competência técnica e o rigor epistemológico demanda uma combinação metodológica e dialógica coerente com a epistemologia da educomunicação voltada ao diálogo entre teoria e prática, conhecimento científico e conhecimento popular de forma inter/transdisciplinar, inter/transcultural. Além disso, constatamos que a compreensão humana e política agencia a tessitura dialógica de atores, idéias e significados que emergem em todo o processo educomunicativo que é também interventivo.

Palavras-chave: assimetria epistemológica; princípio da indissociabilidade; ensino-pesquisa-extensão; mediação educomunicativa; conhecimento plural

1. Desafios para a construção de um “conhecimento pluriversitário”

Na visão sociológica e política de Boaventura Souza Santos (2004) a Universidade, como outras Instituições, enfrenta desafios e crises (de hegemonia, de legitimidade e de institucionalidade). A prova dessa crise identitária é o tipo de conhecimento produzido, fundamentalmente disciplinar e relativamente distanciado das demandas sociais.

O desafio proposto por Souza Santos remete a Universidade ter que reconquistar sua legitimidade, recuperando e ou reforçando sua responsabilidade social. Para tanto precisa re\aprender a dialogar com os múltiplos saberes que integram a sociedade. Esse processo demanda maior atenção à extensão, a pesquisa-ação, a atuação em rede, a procedimentos participativos de avaliação e a rever os mecanismos de democratização nas ações e relações internas e externas.

Assim, segundo o autor, poderá ocorrer “uma passagem do conhecimento universitário para o conhecimento pluriversitário”. Trata-se de um conhecimento

¹ Trabalho apresentado no DT 6 Interfaces Comunicacionais GP Comunicação e Educação do XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Ciências da Informação e da Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Professora do Departamento de Ciências da Comunicação, do Programa de Pós-graduação em Comunicação e do Programa Tecnologias Educacionais em Rede da Universidade Federal de Santa Maria. Email - rosanerosar@gmail.com

“contextual na medida em que o princípio organizador da sua produção é a aplicação que lhe pode ser dada” (Souza Santos, 2004, p. 29). Esta proposta de um conhecimento “pluriversitário” porque contextual e com relevância social, resulta em benefícios mútuos tanto para a comunidade quanto para a universidade e os sujeitos envolvidos.

O estudo de Moita e Andrade (2009) recupera o pensamento de autores (Souza Santos, 2004; Escobar, 2004; Mignolo, 2004; Mora-Osejo e Borda, 2004; Meneses, 2004; Visvanathan, 2004), que denunciam a pretensa superioridade colonial do conhecimento científico e identificam esse fenômeno como um tipo de “injustiça cognitiva” em caráter global que continua a colonizar no nível epistemológico as culturas e os países periféricos.

Defendemos aqui, juntamente com esses autores, que o caminho para enfrentar esse desafio de transformar a Universidade em um espaço expandido, democrático e emancipatório é a integração das atividades de ensino-pesquisa-extensão. Essa integração possibilita benefícios múltiplos como: a atualização dos conteúdos em diálogo com a realidade social, perfil dos docentes e discentes comprometidos com transformações sócio-políticas e culturais, pesquisas com relevância social e socialização das mesmas, bem como o fortalecimento da sociedade civil organizada para fazer frente à fragilidade do campo político.

A indissociabilidade entre essas três funções (ensino-pesquisa-extensão) que possuem características singulares contribui para a construção de um conhecimento “pluriversitário” que possibilita “a inserção da universidade na sociedade e a inserção desta na universidade” (Souza Santos, 2004, p. 31).

No contexto brasileiro, o princípio da indissociabilidade já foi contemplado na Constituição de 1988, artigo 207 “as universidades obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”. Porém, na prática, é comum nas Universidades públicas a interação entre ensino e a pesquisa, ficando de lado a intervenção social por meio da extensão.

O efetivo enfrentamento desse desafio se dará à medida que as Universidades forem concretizando a Política Nacional de Extensão³ e o Plano Nacional de Educação (2011-2020). Eles prevêem que o currículo dos cursos de graduação deve reservar uma cota mínima (10%) do total de créditos exigidos para a atuação dos acadêmicos em atividades de

³ É pactuada pelas Instituições Públicas de Educação Superior, reunidas no Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX). Essa Política tem como referência o Plano Nacional de Extensão, publicado em 1999. (Disponíveis em www.renex.org.br)

extensão⁴. Essa gradativa inclusão da exigência mínima de atividades de extensão, que deverá ocorrer até 2020, demandará revisão curricular, revisão conceitual e metodológica de pesquisa e de ensino, bem como nas resoluções que tratam dos concursos e progressão na carreira.

Nesse cenário, é importante salientar que estamos falando de uma extensão capaz de articular o ensino e a pesquisa de forma crítica, política e cidadã, sem abrir mão da qualidade técnica e do rigor epistemológico, ou seja, “A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade” (FORPROEX, 2010).

As experiências brasileiras conhecidas e já consolidadas da inclusão da extensão no currículo de todos os cursos de graduação ocorre, desde 2013, na Universidade Federal do Rio de Janeiro e na Universidade Federal de São Carlos – São Paulo. Entre os benefícios dessa inclusão recente, as Universidades já destacam o perfil dos egressos, socialmente mais comprometidos e a redução de evasão, uma vez que o acadêmico é envolvido, desde o início do curso em atividades que o aproximam da realidade profissional. Muitas outras Instituições Públicas e privadas são referências, porém nessas, a inclusão da extensão se dá em Cursos isolados.

2. Educomunicação para intervenção social

Pensando no princípio da indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão e na educação como prática de liberdade, como pretendia Freire, temos como principais interlocutores e protagonistas a Universidade, os acadêmicos e a comunidade cuja relação demanda uma mediação educacional crítica e dialética, bem distante dos valores da alienante comunicação hegemônica.

A educomunicação é uma área interdisciplinar que se caracteriza pelo potencial de intervenção social por meio de uma gestão participativa e dialógica, apropriação educativa da tecnologia, foco no processo colaborativo e de empoderamento dos participantes. Neste sentido, concordamos com Freire (p. 69-70) quando afirma que “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos

⁴ As atividades de extensão já são contabilizadas no histórico escolar como Atividades Curriculares Complementares (ACC), porém, a Política Nacional volta-se a institucionalização da extensão no currículo escolar de todos os egressos.

interlocutores que buscam a significação dos significados”. Para o autor, esta comunicação se faz de forma crítica.

Assim, para viabilizar o princípio da indissociabilidade entre ensino-pesquisa e extensão optamos pela mediação educ comunicativa que facilita e potencializa o diálogo entre teoria e prática, conhecimento científico e conhecimento popular de forma inter\transdisciplinar, inter\transcultural.

Segundo Ismar Soares (2011), a educ comunicação carrega no seu cerne a ação interventiva na realidade cotidiana de ambientes formais e informais de aprendizagem. Para tanto, apropria-se de uma gestão colaborativa, respeitando e potencializando as singularidades e as pluralidades dos participantes do processo comunicativo a ponto de desencadear uma transformação gradativa nos sujeitos, bem como a proliferação de ecossistemas comunicativos. Esse processo emancipatório ocorre porque a educ comunicação proporciona abertura de espaços para inclusão equitativa da diversidade de indivíduos que tem, muitas vezes, suas subjetividades adormecidas e seus saberes ignorados pela educação e pela comunicação, tradicional, hegemônica e excludente. Esse indivíduo uma vez incluído busca, segundo Touraine (1998), ser sujeito porque deseja ser ator para intervir no seu meio, mais do que sofrer a intervenção do mesmo. Trata-se de um sujeito de ação individual e coletiva, por isso constitui-se em um ator social.

Essa possibilidade de metamorfose ocorre porque, nos processos educ comunicativos, há liberdade e espaço para proposições e suposições, consensos e dissensos, que, na opinião de Soares (2009), impulsionam o repensar de atitudes e de discursos e a resignificação de valores e subjetividades que resultam em autonomia no pensar e conseqüentemente no agir e no intervir. Essa liberdade e autonomia de pensamento, expressão e atuação, fomenta, na opinião de Souza Santos (2007), a “descolonização das mentes” e a produção de “subjetividades rebeldes” em substituição a subjetividades conformistas. Essas condições e experiências possibilitam o desenvolvimento da individualidade e o reconhecimento de cada indivíduo como sujeito, que para Touraine (1998), é condição para reconhecer o sujeito que há no outro. É nesse exercício relacional de uns com os outros, que segundo Canclini (2009, p.42), “aprendemos a ser interculturais”. A partir desse reconhecimento de si e da alteridade temos um ambiente propício a aprendizagem inter\transcultural que remete ao saber da “compreensão humana” tido por Morin (2000) como indispensável para a educação contemporânea.

Essa “compreensão humana” que não se confunde com tolerância, encontra nos processos educacionais um ambiente propício a seu a florescimento. Até porque, para Morin (2000), a compreensão constitui-se em meio e fim da comunicação humana. Assim, pensamos que a compreensão humana que é também política, que agencia a tessitura dialógica de atores, idéias e significados que emergem em todo o processo educacional em ambientes formais ou informais de aprendizagem. Trata-se de uma compreensão humana e política objetiva voltada a entender, problematizar e interligar o singular e o plural, o científico e o popular, a universidade e a comunidade, o local e o global.

Assim, a educação representa um potencial espaço participativo e inovador de integração entre ensino-pesquisa e extensão, mas também de formação política e cidadã, principalmente pela sua natureza plural. Para Donizete Soares (2009), trata-se de um espaço de interação inter/transcultural e inter/transdisciplinar e de entendimento discursivo, ou seja: “um campo de ação política, entendida como o lugar de encontro e debate da diversidade de posturas, das diferenças e semelhanças, das aproximações e distanciamentos” (p.4). Trata-se assim, de um campo de busca de conhecimentos plurais, compartilhamento de experiências e de construção\relação de e entre múltiplos saberes.

Para viabilizar “experiências democráticas” aos futuros profissionais, é necessário acelerar a institucionalização do princípio da indissociabilidade a fim de contemplar espaços participativos e interventivos para aproximação da comunidade, a popularização e renovação do conhecimento, a democratização da educação, a produtividade técnica e científica e a socialização dos resultados. Essa indissociabilidade além de demandar espaços de interação e participação, viabiliza agregar no mesmo campo: a universidade, a escola, o estado, instituições, ONGs e a comunidade. Promove diálogos entre os saberes e as culturas plurais que integram a sociedade, possibilitando o que Souza Santos (2007) define como “ecologia de saberes”. Assim, a sociedade beneficia-se e a extensão retorna em relevância das pesquisas, melhoria do ensino, do perfil do egresso e dos docentes.

3. Experiência educacional do princípio de indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão na UFSM

A partir dessa breve reflexão sobre a construção de um “conhecimento pluriversitário” fundamentada no princípio da indissociabilidade entre ensino-pesquisa e extensão e mediado pela educação, passamos a compartilhar aqui nossa experiência

democrática na Universidade Federal de Santa Maria –UFSM (Brasil), onde exercitamos o princípio da indissociabilidade entre ensino-pesquisa- extensão no Departamento de Ciências da Comunicação, no Programa de pós-graduação em Comunicação e no Pós-graduação Tecnologias Educacionais em Rede. Ali coordenamos o Programa Educomunicação e Cidadania (EDUCOM UFSM⁵) e o Grupo de Pesquisa Comunicação, Educação Intercultural e Cidadania; lecionamos as disciplinas de Mídia e Pluralismo, Políticas Públicas e Tecnologias Educacionais em Rede, Projeto Experimental de Produção Editorial para Educação; Comunicação e Cidadania, Docência orientada. Apesar da riqueza vivenciada em todas as disciplinas, optamos aqui, por questão de tempo\espaço destacar as últimas duas disciplinas que ocorreram no primeiro semestre de 2015: Comunicação e Cidadania e Docência Orientada. Um mestrando e um doutorando em docência orientada atuaram na disciplina de Comunicação e Cidadania.

A postura adotada pelos professores-mediadores do processo de aprendizagem foi educ comunicativa, fundamentada na dialogicidade Freiriana logo, preocupada no despertar da criticidade, da politicidade e da emancipação dos sujeitos envolvidos (acadêmicos e comunidade). Segundo Freire (2000, p.81), cabe ao educador “problematizar aos educandos o conteúdo que os mediatiza”. Isso foi ocorrendo de forma gradativa e dialógica ao longo do semestre, possibilitando a compreensão crítica e contextual das questões abordadas e dos projetos propostos.

Seguindo essa natureza política, pedagógica e comunicativa do pensamento de Freire nosso esforço se deu no sentido de provocar uma desacomodação frente a realidade editada pela mídia hegemônica (Bacega, 2012), para possibilitar o exercício teórico-prático de transformação do mundo, como convém a uma educação que se pretende emancipatória.

Os saberes sugeridos por Morin (2004) para uma educação que contemple a complexidade do mundo também se fizeram presentes porque contribuem para o diálogo inter\transdisciplinar e a religação de saberes inter\transcultural. A disciplina em pauta é de natureza teórico-prática e aborda a origem e a multiplicação dos direitos humanos e de cidadania, a diversidade de formas de mobilização e participação da sociedade civil organizada, movimentos sociais voltados a democratização da comunicação como um direito humano, comunicação de interesse público, comunicação comunitária, educomunicação e representações das minorias na mídia hegemônica. As leituras que

⁵Ver mais em: <http://w3.ufsm.br/educumufsm/>

fundamentaram os encontros são interdisciplinares, ou seja: da área da comunicação, da filosofia e da sociologia política, da antropologia, da geografia e da educação. Além disso, há o planejamento, execução, avaliação e socialização de um projeto de intervenção educacional, voltado a uma temática social e a uma comunidade escolhida pela própria equipe (Escolas públicas, ONG, Movimentos Sociais). Essa experiência vivenciada gerou processos, oficinas, produtos e relatórios e na sequência artigos ou relatos a serem apresentados em eventos científicos e/ou comunitários.

Assim, a partir do conhecimento traduzido e debatido em aula os acadêmicos, divididos em 10 equipes, tiveram a oportunidade de fazer a própria reconstrução mental e prática e possibilitar à comunidade onde atuaram que também o fizesse. Tanto na parte teórica (60h) quanto na parte prática (30h) houve o exercício dialético de estreitar a relação entre teoria e prática, razão e afeto, universidade e comunidade, nos e os outros, conhecimento científico e saberes populares.

Dar conta do desafio da indissociabilidade demandou uma combinação metodológica e dialógica coerente com a epistemologia da educação. Iniciamos com a pesquisa participante por se caracterizar em um processo de interlocução colaborativa que integra teoria e prática, demanda a inserção do pesquisador no ambiente pesquisado, participação efetiva dos sujeitos pesquisados, intervenção na realidade, protagonismo e autonomia, princípios éticos e cívicos e a socialização dos resultados (Kemmis e Mc Taggart, 1988). As outras alternativas metodológicas adotadas foram: a aprendizagem baseada em problemas, o estudo de caso e a produção colaborativa de recursos educacionais.

A significação dos significados decorrente do Princípio de Indissociabilidade

Propomos aqui um simples exercício de empatia que, para Kaplun (1998, p.99), significa mais do que se colocar no lugar do outro, significa “querer, valorizar aqueles com quem tratamos de estabelecer uma comunicação”. Desejamos valorizar aqui a fala de sujeitos participantes como acadêmicos de Comunicação (UFSM 2015\1 – Produção Editorial e Publicidade e Propaganda), da disciplina de Comunicação e Cidadania da qual essa pesquisadora é docente - mediadora da aprendizagem. Na avaliação da disciplina solicitamos aos acadêmicos que, sinteticamente, relatassem o significado da experiência de aprendizagem para sua vida profissional pessoal. Abaixo apresentamos alguns desses relatos identificados apenas pelas iniciais dos nomes, sendo que o primeiro é da mestranda em docência orientada e os demais são dos acadêmicos de graduação:

Durante a primeira aula uma simples observação feita pela professora me fez pensar sobre o espaço e o papel que desempenho no Curso de Comunicação Social - Produção Editorial. Ela enfatizou que estamos em um curso de comunicação SOCIAL. Tive a oportunidade de ir a campo democratizar a comunicação com grupos marginalizados, transexuais de um alojamento na cidade de Santa Maria que oferece moradia a essas pessoas. Considero este trabalho como um dos mais importantes que fiz durante a graduação. A oportunidade de trabalhar com pessoas que não fazem parte do meu cotidiano e que vivem à margem da sociedade me fizeram perceber o quão pouco sei sobre as diferentes esferas da sociedade e a cidade onde vivo. No entanto, pude aprender na prática, no exercício da humildade e da persistência, a quebrar alguns estereótipos. Evoluímos mutuamente no dialogo e na compreensão e os temas sugeridos pela comunidade para debate com a presença de especialistas e produção de material educativo foram: violência, crack e previdência social. Creio que desenvolver projetos sociais, principalmente voltados a minorias, será sempre um árduo desafio, porém necessários e gratificantes como foi nosso trabalho. Por fim, percebi a importância de uma comunicação horizontalizada e participativa na sala de aula e na relação com a comunidade para o exercício da expressão, manifestação e construção de uma cidadania e democracia participativa (R. A).

Sinto que por vezes nos iludimos por viver em um ambiente acadêmico. Tudo em ordem e perfeito, mas vejo que não passa de mentira, sim, mentira. Essa disciplina me fez ver que há mais coisas fora daqui, que não é porque tudo parece estar de acordo com os conceitos estudados que de fato está tudo bem. O mundo não é só aqui nessa bolha chamada UFSM. Não precisamos ir longe para vermos discriminações, preconceitos e problemas sociais diversos que nos circundam. Um exemplo é a escola onde nossa equipe desenvolveu o projeto, crianças em estado de vulnerabilidade social, e confesso que neste período mais aprendi com elas do que ensinei. Aprendi que o mundo está cheio de crianças iguais a elas, e que eu como ser humano não posso ser hipócrita de voltar para sala de aula e fingir que o problema foi resolvido. Aprendi a ir além, pois de teorias este mundo está cheio, e não resolvem problemas sociais, precisa também de intervenção prática. (M. F.)

A aprendizagem da disciplina me tornou mais completo como profissional, pois nos colocou em contato direto com a sociedade e o entendimento dessa sociedade parte de ter um olhar crítico sobre a realidade. Na área pessoal, a oportunidade de realizar o projeto prático significa um marco, pois nunca tive um contato tão estreito com crianças em situação de vulnerabilidade social e isto foi determinante para ampliar minha reflexão sobre questões sociais (L. M.).

Agregou muito em minha vida pessoal e profissional. Os debates em sala de aula e o projeto prático abriram outros horizontes e interrogativas em minha vida, cruzando com conhecimentos adquiridos em outras disciplinas e em atividades extra-sala. Fez-me questionar muitos fatores enraizados em nossa sociedade e que pouco são questionados. Levo esses questionamentos para o Grupo PET CISA (Programa de Educação Tutorial) do qual sou integrante. Pensar o social e preocupar-se com comunidades populares é peça fundamental em nossa formação e nos vários ambientes que circulo percebo que essa preocupação não é exclusividade da comunicação. Várias áreas voltam-se para essas questões e acredito que trabalhar de forma conjunta, interdisciplinar é importante para o fomento à cidadania. Os saberes engavetados não propiciam uma visão geral da complexidade do mundo cheio de diversidades. Acredito que dessa forma podemos transformar realidades para um mundo melhor (C.P).

Parece que foi ontem que esse acadêmico de Publicidade e Propaganda ingressou na Faculdade - curso de publicidade e propaganda desejando aprender a fazer campanhas que proporcionassem alto retorno financeiro. Como toda pessoa (penso eu) que escolhe esse curso vem com um pensamento: vou criar campanhas geniais com táticas de humor e emoção que vão persuadir o povo a comprar. No decorrer

de disciplinas como essa e Comunicação e Cultura fui ganhando um aprendizado para a vida em sociedade. Hoje, com certeza, desejo fazer campanhas que proporcionam consciência social. Os textos, debates e o projeto prático me ajudaram a enxergar o quanto o mundo é complexo e desigual, mas veio convergir com um pensamento que sempre carregou comigo: o que diferencia o ser humano é apenas o caráter e não o gênero, a classe, a cor ou religião (M.A).

Durante as aulas fui sentindo uma mudança em mim, principalmente no momento em que começamos a executar o projeto sobre sustentabilidade com a troca e compartilhamento de saberes com as crianças da Escola. Sinto que vou levar esse conhecimento para fora da Universidade. Aprendemos diferentes e importantes conceitos e os analisamos em exemplos práticos e o que mais me “marcou” foi o de “minorias”, como é “fácil” de entender na teoria, mas como é complexo compreender na prática social em meio a múltiplas carências (S.T).

Trouxe-me conhecimentos não só profissionais, mas também sociais. Ajudou-me a descobrir campos alternativos como a educomunicação e a comunicação comunitária que podemos atuar de forma contra-hegemônicas para ajudar a melhorar o mundo. Muito interessante a oportunidade de planejar, executar e avaliar um projeto social onde conseguimos por em prática os conceitos trabalhados em aula e levamos a comunidade um pouco do que aprendemos (J.C).

Provocou-me muitos questionamentos e me trouxe novos olhares sobre a representação da mídia e sobre questões sociais que passavam despercebidas como a intolerância com as diferenças. Aprendi importantes conceitos como o de cidadania planetária, de sermos cidadãos do mundo que me faz pensar na necessidade de sermos solidários no acolhimento de estrangeiros como esta ocorrendo no Brasil à chegada de haitianos e senegaleses. Como profissional a disciplina apuro meu olhar crítico sobre as questões políticas e sociais, por exemplo, para as discriminações, as vezes explícitas, que ocorrem em campanhas publicitárias. Além disso, proporcionou o conhecimento e contato com outras realidades por meio do projeto social que passa a fazer parte de uma pessoa mais atenta as questões referentes aos direitos humanos (R.P).

Me fez abrir os olhos para muitas questões que passavam batidas as minorias, por exemplo, aos poucos fui me abrindo para me questionar e quando percebi, estava levando estas reflexões para amigos de fora do curso e para a família. Foi ali que percebi como a sociedade esta despreparada para debater sobre diversidades. Esta perspectiva é o maior legado que eu levo desta disciplina. Compreender essas questões me fez evoluir como pessoa, repensar valores e atitudes. Além disso, o trabalho prático com as crianças de outra realidade contribuiu para a construção de um João mais liberto de estigmas sociais. Também me fez mergulhar em outro ambiente enfrentando desafios para compreender e dialogar com diferentes públicos, realidades e contextos. A experiência teórico-prática foi inspiradora e transformadora. Não tinha noção de que em tão pouco tempo poderia haver tantas mudanças (J. P).

Devolver à sociedade. Esse é um conceito que eu já havia escutado, mas que só agora compreendo plenamente. Compreendi o que é de fato ser cidadão e participar ativamente da sociedade. Sou fotógrafo e posso dizer que conhecer histórias de outros profissionais que dedicam suas vidas a uma causa social ressoaram dentro de mim por meio do nosso projeto social. Ver o interesse dos adolescentes aprendendo algo que, provavelmente, não teriam oportunidade sem a minha contribuição é ao mesmo tempo satisfatório e triste, pois denunciam as desigualdades sociais no acesso as oportunidades. A Faculdade serve para isso: fazer o acadêmico enxergar o mundo por uma pluralidade de ângulos. Esta disciplina esta me satisfazendo nisso, pois estou sendo desafiado em um nível muito pessoal, mesmo em uma turma de 60 alunos. Gostaria de mais oportunidades como essa e, certamente, já houve transformação no meu caráter (V.S).

Proporcionou-me conhecer mais sobre o conceito de cidadania e me despertou um maior desejo de participação na sociedade. Perceber que existem soluções e novas propostas para antigos problemas como a educação (educomunicação) me motivaram e instigaram a refletir sobre meu papel como comunicadora social. O projeto social me permitiu trabalhar com o público infantil que eu gosto e com a temática de gênero que tem grande importância social para redução de preconceitos (G.R).

Questionar a nossa própria área, conceber a comunicação não só como consumo, mas como um direito e tomar consciência de nossa responsabilidade frente à sociedade foram as questões que julguei mais importantes. As questões trabalhadas na disciplina me despertaram a vontade de fazer mais pela sociedade e desmistificar a idéia de que a publicidade é única e exclusivamente mercadológica e capitalista. Quero ser antes de tudo uma comunicadora social (T. E).

Entre os conhecimentos que adquiri, o mais importante e que vou levar para a vida é que a comunicação é um direito de todas as pessoas e como nem todos conseguem exercer cabe a nós profissionais de comunicação lutar para democratizar nossa área. As aulas me proporcionaram reflexões importantes a cerca da responsabilidade social dos comunicadores, como por exemplo, o cuidado e o dever de garantir a ausência de preconceitos e discriminações nas produções. A disciplina me proporcionou de forma teórica e prática conhecer novas formas de fazer comunicação: comunitária, popular, educomunicativa. Despertou-me para uma visão mais crítica do mundo acrescentando na minha formação como profissional e como cidadão (A. S).

Aprendi a olhar os movimentos sociais com respeito ao invés de tolerância. Percebi a importância que os projetos sociais têm para garantir maior igualdade de oportunidades, e também como é marcante a experiência de participar de um projeto e constatar o poder da comunicação na transformação da vida das pessoas (C. P).

O ponto que achei mais importante da disciplina foi o projeto pratico onde vivenciamos os conceitos estudados sobre cidadania, no caso de nossa equipe em um alojamento para o público LGBT. Pude perceber o quanto criamos e alimentamos estereótipos e preconceitos por falta de conhecimento das pessoas que são diferentes da gente. E com o projeto tivemos que desconstruir essas imagens negativas e os conceitos trabalhados em aula foram de grande ajuda. Em relação a Luisa como pessoa humana, muitos conceitos e debates que tivemos contribuíram para rever meu papel como cidadã (L.F).

Sou oriundo de uma Escola Pública da periferia de Santa Maria e confesso que fiquei fascinado pela proposta da disciplina de unir o ensino, a extensão e a pesquisa. Eu me enxergo hoje com outra visão do mundo, dos direitos de cidadania e dos direitos humanos. Muito debati neste semestre, levei informações para meus antigos colegas que não tiveram a oportunidade de estar no ensino superior. É incrível poder compreender melhor a sociedade em que estou inserido e de alguma forma poder devolver este conhecimento a sociedade. Ensinei, mas também aprendi com elas e suas vivencias. Tenho a dizer que fiquei encantado com nosso projeto na Escola Infantil Nosso Lar, poder contribuir com a formação do ser humano como ser social que cresce respeitando as diferenças. Obrigado pela oportunidade (V.N).

Mesmo realizando a disciplina pela segunda vez o aprendizado foi diferente e enriquecedor ao mesmo tempo. Como profissional, levo a abertura e a critica ao campo publicitário, o leque de atuação podendo me distanciar das agencias tradicionais e me aproximar das mais voltadas à produção cultural. Como pessoa humana, esse aprendizado teórico e prático só reafirma valores e crenças necessárias para ajudar a transformar o mundo em um lugar mais democrático e com maior liberdade para a pluralidade de pessoas existentes. Como homossexual,

ainda é um choque a distinção entre ser “assumido” ou não. A própria afirmação se torna um ato político e assim uma batalha diária por direitos iguais aos demais. Essa luta me torna um ativista e me apropriado dos conhecimentos dessa disciplina para legitimar a necessidade de continuar a luta. É gratificante ver equipes de colegas da disciplina atuando, por exemplo, no Alojamento da Verônica voltado ao público LGBT, pessoas tão marginalizadas, e outro trabalhando em uma Escola de Periferia a questão de gênero com crianças (G. G).

As principais aprendizagens proporcionadas pela disciplina foram: 1. Despertar para um interesse político através, por exemplo, das discussões de como a mídia aborda a questão da redução da menoridade penal; 2. Problematizar a questão da luta de gênero e a insuficiência da constituição brasileira em relação aos direitos dos homoafetivos; 3. Consciência da necessidade de dar voz as minorias como, por exemplo, por meio de nosso projeto no Alojamento da Verônica e de escutar que elas gostariam de ser representadas também pela mídia como transexuais; 4. Consciência da necessidade de uma comunicação mais democrática e comprometida com as problemáticas sociais, uma comunicação que não reafirma os discursos hegemônicos e que desconstrói o senso comum e os padrões pré-estabelecidos e carregados de preconceitos; 5. Compreensão profunda da importância que a comunicação e a informação têm nas organizações sociais e na vida das pessoas como cidadãs; 6. Maior valorização do processo de produção da comunicação alternativa para minorias e maior engajamento a assuntos relacionados a luta contra hegemônica da comunicação. Enfim, a disciplina trouxe de forma ética reflexões e vivências acerca de temas que não estamos acostumados a discutir e muito menos de ver na televisão (G.P).

Trouxe a tona temas importantes para rever o meu papel de comunicador e de cidadão. Destaco como aprendizagem maior a implantação do projeto “Dedo Verde” que realizamos na Escola Municipal Duque de Caxias voltado a educomunicação ambiental onde tivemos que utilizar a sensibilidade na nossa comunicação para incluir a diversidade de crianças, inclusive uma com autismo (T.R)

A disciplina trouxe temáticas sociais atuais como a luta das minorias pelos seus direitos e a cidadania planetária. No projeto social minha equipe optou trabalhar sobre a questão da sustentabilidade com crianças de uma Escola Municipal. Essa aproximação entre estudantes universitários e estudantes de Escolas Públicas fortalecem o papel cidadão tão pouco exercido pelo aluno do ensino superior a começar pela inserção curricular. Aposto muito nesse projeto como forma de retorno que devemos dar a sociedade por estudarmos em uma Universidade Pública (G.B).

Além de proporcionar leituras e debates relevantes sobre a sociedade e o viés cidadão da nossa profissão. A disciplina possibilitou compreender o mundo e as relações sociais e culturais de forma mais crítica que em outros ambientes de convívio social. No espaço da sala de aula foi possível indagar e debater com liberdade e igualdade as temáticas sociais trazidas. Porém, mais relevante é o modo como o conhecimento aprendido em sala de aula é compartilhado e transformado em projetos que promovem a cidadania. Acredito que o conhecimento só é válido se for compartilhado em instâncias comunitárias (D.T.G.).

3.2.Considerações dialógicas

A partir dessas percepções dos acadêmicos podemos inferir que a experiência de aprendizagem da disciplina de Comunicação e Cidadania e Docência Orientada que seguiu o princípio da indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão, mediada pela educomunicação, possibilitou que os jovens despertassem e manifestassem um interesse,

uma energia, um saber, uma criticidade e politicidade muitas vezes adormecida por uma educação colonialista.

É possível identificar marcas discursivas que remetem a intervenção pessoal e social, a insurgência de “subjetividade rebelde” assumindo o lugar da “subjetividade conformista” (Souza Santos, 2007). Isso porque, a educomunicação possibilita uma “educação como prática de liberdade” (Freire, 1999). Uma educação que na visão de Kaplun (1996), transforma e promove o sujeito socialmente e politicamente.

Percebe-se também o nível de conscientização dos acadêmicos quanto às problemáticas abordadas teoricamente e trabalhadas no projeto prático. Desenvolveram múltiplas aprendizagens, tais como habilidades interpessoais, o cultivo de valores e atitudes altruístas em relação a si mesmos, aos colegas e a comunidade e o aprimoramento da compreensão humana frente a diversidade. Freire diria que houve uma “dialogicidade verdadeira” e Souza Santos “uma ecologia de saberes” onde os acadêmicos construíram seus conhecimentos, processos e produtos respeitando e dialogando com os conhecimentos comunitários. Nessa dialogicidade não houve superioridade do conhecimento acadêmico, mas reconhecimento da própria responsabilidade.

O princípio da indissociabilidade como linha mestra da práxis universitária facilita o desempenho do papel social da Universidade que demanda uma expansão de espaços participativos voltados a uma valorização crescente dos saberes práticos e comunitários gestados nas experiências sociais cotidianas da pluralidade de grupos que integram a sociedade contemporânea.

A disciplina voltou-se a contemporizar o direito humano e de cidadania a uma comunicação educativa, crítica e política com potencial para promover maior igualdade entre as diferenças e mudar o paradigma da comunicação contemporânea por meio do empoderamento e da experiência democrática e comunitária. Com isso temos um contexto universitário mutante de ampliação dos sentidos, dos conhecimentos, dos tempos, dos espaços e dos sujeitos educativos.

Por fim, a partir de nossa experiência em comunicação alternativa e acadêmica na graduação e na pós-graduação admitimos que há disciplinas que facilitam a efetivação da extensão tais como: na graduação, os projetos experimentais e as de cunho humanístico; na pós-graduação, a disciplina de docência orientada é a que melhor possibilita essa interação. Além da prática profissional, proporcionam o despertar da consciência social e da

participação e compromisso político. Essa intervenção na realidade torna a Universidade acessível à sociedade, independente das pessoas frequentarem os cursos regulares.

4. Referencias

- BACCEGA, M. A. Comunicação/Educação e a construção de nova variável histórica. In: CITELLI, A.O; COSTA, M. C. C. (Orgs) **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Ed. Paulinas, 2011. p. 32- 41
- BARBOSA, B. e BRANT, J. **Direitos humanos e comunicação democrática: o que vem antes?** (2005). Disponível em http://reporterbrasil.org.br/documentos/direitos_humanos_comunicacao.pdf Consultado em: 7\6\2013.
- BORDENAVE, J. D. O. **O que é participação**. 7ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1992.
- CAROLYN, W; GRIZZLE, A; TUAZON, R.; AKYEMPONG K.; CHEUNG, C. **Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores**. Brasília: UNESCO, 2013.
- CASTELLS, M. A era da intercomunicação. In. **Le Monde Diplomatique/Brasil** Disponível em: <http://diplo.uol.com.br/> Acessado em 10\5\2015
- COSTA, A. C. G. **Tempo de servir: o protagonismo juvenil passo a passo; um guia para o educador**. Belo Horizonte: Ed. Universidade, 2001.
- DEMO, P. **Pobreza política**. Campinas: Ed. Autores Associados, 1994.
- _____. **Política social, educação e cidadania**. São Paulo: Ed. Papirus, 2007.
- FORPROEX. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. Coleção Extensão Universitária . vol. I
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 23ªed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996.
- _____. **Extensão ou comunicação?** 8ª. ed. São Paulo: Ed.Paz e Terra, 1985.
- _____. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1999.
- KEMMIS, S.; MCTAGGART, R. **Cómo planificar la investigación-acción**. Barcelona: Ed. Alertes, 1988.
- MARTÍN-BARBERO, J. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, D. (org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 51-79.
- MARTINO, L. C . De Qual Comunicação Estamos Falando? . In: Antonio Holthfeldt; Luiz C. Martino; Vera França. (Org.). **Teorias da Comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MANDELA, Nelson. In. **Nelson Mandela Foundation**. Disponível em: <http://archives.nelsonmandela.org/home> . Consultado em 7\6\2013.
- MOITA, F. M. G. S.C; ANDRADE, F. C. B. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação**. vol.14 no.41 Rio de Janeiro May/Aug. 2009.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. SP: Ed. Cortez; Brasília: UNESCO, 2004.
- OROZCO GÓMEZ, G. **Televisão, audiências e educação**. Buenos Aires: Ed.Norma, 2001.
- PERUZZO, C.M.K. **Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania**. Lumina, v. 1, p. 1-29, 2007.
- RAMOS, M. C. Comunicação, Direitos Sociais e Políticas Públicas. In. MARQUES D. M.J; SATHLER, L. **Direitos à comunicação na Sociedade da Informação**. São Paulo: Ed. UESP, 2005.

- ROSA, R. . Um olhar sobre a cobertura jornalística de políticas públicas sociais no jornal Zero Hora. **Estudos em Jornalismo e Mídia** - Políticas Públicas, v. 2, p. 1-11/286, 2010.
- SOARES, D. **Educomunicação – o que é isto**?. Disponível em: http://www.portalgens.com.br/baixararquivos/textos/educucomunicacao_o_que_e_isto.pdf. Consultado em: 12\6\2009.
- SOARES, I. **Educomunicação, o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Ed. Paulinas, 2011.
- _____. Educomunicação: um campo de mediações. In: **Comunicação & Educação**. São Paulo: Ed. Segmento, Ano VII, set./dez. 2000, no. 19, pp. 12-24. Disponível em: <http://www.abpeducom.org.br/2013/10/artigos-do-professor-ismar-de-oliveira.html>
- _____. Educomunicação e Direitos Humanos. **I Seminário Anhembi Morumbi de Comunicação e Educação**. São Paulo: 9,10,11 de outubro de 2014.
- SODRE, M. **Reinventando a Educação** - Diversidade, Descolonização e Redes. RJ: Ed.Vozes, 2012.
- SOUZA SANTOS, B. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007. Disponível em: http://www.biblio.fae.ufmg.br/webbiblio/Bibliografia2013_arquivos/renovarateoriacritica%20Santos%20127%20p.pdf
- _____. **A universidade do século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. São Paulo: Cortez , 2004.
- TOURAINÉ, A. **Iguais e diferentes. Poderemos viver juntos?** Petrópolis, RJ: Vozes, 1998b.
- UNESCO. **Declaração de Cochabamba** 2001. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001275/127510por.pdf>, consultado em 15 maio de 2013.
- VILLARREAL FORD, T.; GIL, G. A Internet radical. In: DOWNING, John. **Mídia radical**. Rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: SENAC, 2002.